



A igreja de Nossa Senhora de Fátima, outro marco dos primeiros dias de Brasília

BRASÍLIA, ANO 22

TOMBAMENTO PREVENTIVO PARA PRESERVAR O PERFIL DA CAPITAL

Etevaldo Dias

BRASÍLIA — Esta Capital comemora hoje 22 anos de idade preocupada com sua fisionomia. A partir do próximo 1º de maio, um grupo de arquitetos se reunirá duas vezes por semana para estudar um meio de promover o tombamento preventivo de Brasília. O grupo, dirigido por Aloísio Magalhães, Secretário de Cultura do MEC, com participação do Governo do Distrito Federal e da Universidade de Brasília, pretende estudar uma nova fórmula legal que garanta a preservação do perfil arquitetônico e urbanístico da Capital federal.

— Nós pretendemos encontrar — disse Aloísio Magalhães — uma solução para que a cidade possa crescer sem perder sua fisionomia no que é original, dentro da concepção de Lúcio Costa e da genialidade de Oscar Niemeyer.

Os primeiros passos para esse tombamento serão dados no próximo dia 28, com o tombamento do Museu JK e da Igrejinha da 108, como é chamada a capela da SQS 108, mandada erigir por Dona Sarah Kubitschek em pagamento a uma promessa. Esses dois monumentos estão sendo restaurados pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Junto com essas medidas o SPHAN, em trabalho conjunto com o Governo do Distrito Federal e a Universidade de Brasília, está concluindo levantamento de sítios históricos do Distrito Federal que devem ser preservados.

A arquiteta Briane Elisabeth Panitz Bica, do SPHAN, coordenadora do grupo de estudos para a preservação de Brasília, explicou que, desde março do ano passado, vem levantando locais históricos na periferia do Plano Piloto, como sedes de velhas fazendas, que antecederam a criação da cidade, e prédios antigos na cidade-satélite de Planaltina, Município centenário que serviu de base para a construção de Brasília.

Além desses prédios, Briane Elisabeth levantou um antigo acampamento de uma construtora, Metropolitana, como área importante para a preservação da memória da cidade por representar retrato fiel dos núcleos pioneiros da cidade. A Metropolitana, próxima à cidade-satélite do Núcleo Bandeirante, tem organização urbana que difere completamente do Plano Piloto, constituindo-se uma reprodução de cidade tradicional, com praça em torno da igreja, esquinas, ruas estreitas.

A idéia

Os primeiros passos para a criação do grupo de estudos para o tombamento preventivo da cidade partiu da Secretária de Educação do Distrito Federal, Eurides Brito, que se viu diante de um problema jurídico quando lhe foram sugeridos os primeiros tombamentos. Descobriu-se que não havia, dentro da competência do Governo do Distrito Federal, o poder para tomar monumentos. Foi daí que se criou a expressão "tombamento preventivo", já de acordo com os primeiros estudos da SPHAN.

Aloísio Magalhães viu na idéia de Eurides Brito a oportunidade para que o Governo federal passasse a ocupar lugar destacado na preservação do valor histórico e cultural do Distrito Federal.

— O que se vê em Brasília é uma coisa totalmente nova para nós — disse Aloísio — ou seja, trabalhar para que no futuro monumentos não precisem ser reconstituídos de ruínas. Vimos nisso uma boa oportunidade de aplicar um novo conceito de preservação histórica.

Brasília, para Aloísio Magalhães, é uma cidade que nasceu antiga, desde a conceitualização de José Bonifácio, em 1824, que deu nome e lugar para se levantar a nova Capital. "Foi uma idéia forte" — disse — "que nunca desapareceu, levou 150 anos para ser concretizada". A partir dessa constatação, explicou, viu-se a necessidade de estudar meios para que não só a arquitetura da cidade fosse preservada, mas também o espírito nacional que tornou possível sua construção.

O grupo

A arquiteta Briane Elizabeth coordenou um grupo de 17 pessoas, composto de membros do SPHAN, da UNB e do GDF, de onde sairá um subgrupo executivo, a partir de maio, que levantará fórmulas para a "proteção projetiva" do Plano Piloto.

Aloísio Magalhães, o conceituador desse trabalho, acha que não se deve pensar em um tombamento da cidade da forma tradicional como foi feito, por exemplo, em Parati, porque Brasília, ao contrário das cidades históricas, está crescendo e não pode ser tolhida no seu desenvolvimento.

O grupo de trabalho vai examinar toda a legislação urbanística da cidade para encontrar meios legais de prevenir desvirtuamentos no projeto de Lúcio Costa. "Não podemos permitir", disse Briane Elizabeth, "que seja autorizada a construção de mais um edifício nas superquadras, como já chegou a ser sugerido, nem que os gabaritos da cidade sejam alterados. É preciso ainda estabelecer uma série de normas para escolha de novas áreas de crescimento e devem-se criar, enfim, instrumentos para que a paisagem urbanística, arquitetura da cidade, seja preservada".

Não há ainda, segundo Briane, idéia sobre como estabelecer esse tombamento da cidade. Isso será feito ao longo dos próximos dois anos — tempo que prevê de duração do grupo — em debates com a comunidade e com estudos técnicos. Uma única fórmula, já se sabe, será usada para a cidade: "A conscientização da comunidade para que ela seja a principal guardiã do Plano Piloto", segundo a arquiteta.

Brasília/Mabel de Vicenzi



Museu do Catetinho: a primeira residência de Juscelino em Brasília

NOVAS CIDADES-SATÉLITES

BRASÍLIA — Vinte e dois anos depois de construída para abrigar 500 mil habitantes, Brasília tem hoje, dia do seu aniversário, 1 milhão 100 mil habitantes e um projeto elaborado pelo Governo do Distrito Federal para enfrentar a expansão do seu Plano Piloto. Trata-se da construção, ao longo dos próximos 10 anos, de um conjunto de seis cidades-satélites com capacidade para mais de 1 milhão de habitantes.

Se fossem mantidas as atuais características de ocupação da cidade — diz o Secretário de Ocupação e Obras, José Carlos de Mello — a população urbana do Distrito Federal não poderia ultrapassar 1 milhão 500 mil habitantes. "Foi pensando nisso que o Governo criou o Plano Estrutural de Organização Territorial do DF, aprovado em 1978 pelo Ministério do Planejamento, e que prevê a construção de seis pequenas cidades entre as localidades de Taguatinga e Gama, distantes 40km do Plano Piloto".

Funcionários públicos

Ele informou que o projeto dormiu na gaveta ate dois meses atrás. Agora, a primeira cidade já esta planejada e vai abrigar principalmente funcionários publi-

cos que residem em Brasília desde sua fundação, mas que até hoje não possuem casa própria devido ao baixo nível de renda. Segundo o Secretário, o plano é flexível — as cidades serão construídas à medida que for aumentando a expansão urbana.

Na opinião do empresário Paulo Octávio, dono de uma das maiores imobiliárias de Brasília, a saturação do espaço físico do Plano Piloto está provocando uma supervalorização dos imóveis localizados em áreas tradicionais da cidade. "É o caso da Superquadra 107 na Asa Sul (Centro da Cidade), onde um apartamento de dois quartos, hoje comercializado a Cr\$ 5 milhões, estará sendo vendido em janeiro de 1983 por Cr\$ 12 milhões".

Outro empresário, o diretor superintendente da Encol Empreendimentos Imobiliários, Roberto Caiube, entende que o Plano Piloto de Brasília "não tem mais como crescer a partir de 1983, por absoluta falta de espaço físico, afetando com isso o desenvolvimento normal da construção civil".

Diferença básica

As seis cidades-satélites do Distrito Federal para conter a expansão do Centro da Cidade

terão uma diferença básica, comparadas com a maneira como foi construída Brasília. É que a cidade começou com construções faraônicas, como o Teatro Nacional, a Catedral e os Palácios do Governo, ficando os serviços de infra-estrutura para depois.

Lembra o Secretário José Carlos Mello que em 1958 o urbanista Lúcio Costa, na companhia do Presidente Juscelino Kubitschek, fazia uma inspeção das obras da plataforma da Estação Rodoviária, a primeira construção de Brasília, quando interpelou o Presidente:

— O Sr não acha que nós deveríamos concentrar todo o esforço em obras de real interesse da população e deixar de lado construções suntuosas ou supérfluas?

Juscelino respondeu: — Lúcio, cabe a nós fazer o supérfluo. São as obras suntuosas que atrairão o brasileiro de todas as partes do país para cá. A infra-estrutura ninguém vê. Esta virá depois.

A primeira das seis cidades-satélites, segundo o Secretário, poderá ser iniciada dentro de 18 meses, mas esta faltando o principal: dimensionar quantos bilhões de cruzeiros serão necessários para erguê-la. Somente nos próximos três meses haverá um cálculo definitivo.